

LINGUÍSTICA APLICADA, VIVÊNCIAS RACIAIS E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: NARRATIVAS DE UMA MULHER NEGRA

APPLIED LINGUISTICS, RACIAL EXPERIENCES AND IDENTITY CONSTRUCTION: NARRATIVES OF A BLACK WOMAN

Fernando Silvério de Lima¹

Universidade Federal de Ouro Preto
<https://orcid.org/0000-0001-8419-8293>
fernando.lima@ufop.edu.br

CRISTINA APARECIDA DE JESUS²

Universidade Federal de Ouro Preto
<https://orcid.org/0000-0002-6075-9970>
cristina.aparecida@aluno.ufop.edu.br

RESUMO: Este trabalho analisa as narrativas de uma estudante universitária negra sobre suas experiências raciais no contexto familiar e educacional até sua chegada ao ensino superior. Baseados em estudos da pesquisa narrativa para eventos críticos, bem como em Estudos Culturais de identidade e de Linguística Aplicada, o presente artigo revela as complexidades da construção identitária que se revela nos dizeres da estudante que resgata lembranças para construir um entendimento dos eventos vividos. As histórias foram geradas oralmente a partir de um roteiro semiaberto de entrevista que tratou de temas da experiência infantil, vida escolar e trajetória rumo ao contexto universitário. Por meio das transcrições, foi possível analisar temas que emergiram sobre sua identidade. As narrativas mostram relações familiares conflituosas, racismo durante o período escolar e chegada ao ensino superior como ventos de mudança, uma vez que o novo contexto possibilita mais pertencimento e fortalecimento de sua própria identidade como mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Narrativa; Linguística Aplicada; Racismo; Identidade; Universidade.

1 Doutorado em Estudos Linguísticos. Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

2 Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

ABSTRACT: This paper analyzes the narratives of a black undergraduate student about her experiences in familiar and educational contexts until her arrival at higher education. Based on studies from narrative inquiry for critical events, as well as on Cultural Studies on identity and Applied Linguistics, this paper unveils the complexities of identity construction which unfolds in the words of the undergraduate student and how she looks back on memories to grasp an understanding of events lived through. The stories were shared orally through an open script which considered topics such as childhood experiences, school life and the pathway towards college. Through the transcripts, it was possible to analyze themes that emerged regarding her identity. The narratives show conflicting relations with family, racist experiences in school and the pathway towards higher education as winds of change, once this new setting enables belonging and strengthening of her own identity as a black woman.

KEYWORDS: Narrative Inquiry; Applied Linguistics; Racism; Identity; University.

INTRODUÇÃO

Em 2022, no mesmo ano em que foi possível observar avanços da sociedade brasileira que foram conquistados pelas ações afirmativas, como os dez anos da política de cotas em universidades públicas e federais, as questões étnico-raciais se tornam cada vez mais evidentes não apenas nas conversas cotidianas, mas também nos estudos da esfera científica. De acordo com Pacheco (2011, p. 138), na sociedade brasileira “a questão racial é tratada como tabu, em que as posições sociais desiguais são naturalizadas e estabilizadas” e isso fomenta uma visão de um *racismo cordial*. Dito de outra forma, temos um problema complexo e grave do qual a sociedade evita falar abertamente nas mais variadas esferas de comunicação e, ao fazer isso, varre para debaixo do tapete um problema que afeta diretamente parcelas da população que são discriminadas a partir de visões preconceituosas de que existem inferioridades entre grupos da espécie humana.

Os reflexos de um *racismo estrutural* (ALMEIDA, 2020), ou seja, enraizado nas instituições sociais diversas impactam inclusive o futuro das gerações que lutam diariamente para ganhar seu espaço, apenas tentando exercer o seu direito de existir. Em reportagem ao jornal *El País* Brasil, Mendonça (2019) exemplifica, a partir de uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2018, uma hierarquia de desvalorização salarial no mercado de trabalho. O levantamento intitulado *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça* constatou, por

exemplo, que mulheres negras ganham menos da metade do salário de homens brancos (algo em torno de 44%) e também recebem menos que homens pretos³.

Neste cenário marcadamente desigual, o acesso ao ensino superior por mulheres é complexo, e mulheres negras em especial carregam consigo desafios ainda mais específicos nessa escala de desigualdade e falta de mais oportunidades de acesso (e de posterior permanência). É este cenário que abre o caminho para o presente estudo que se dedica a compreender qualitativamente experiências raciais de um perfil específico da população: mulheres negras em sua trajetória rumo ao ensino superior. Nosso estudo se orienta por uma questão central: quais histórias são contadas por mulheres negras que chegam ao ensino superior sobre suas experiências étnico-raciais anteriores e como essas histórias se relacionam às expectativas atuais e ao futuro de sua profissão? E o presente artigo pretende responder este questionamento do ponto de vista qualitativo, buscando por subjetividades que escapam aos amplos levantamentos quantitativos como os realizados pelo IBGE e que nos mostram detalhes muito específicos de uma vivência particular: a identidade da mulher negra.

Este artigo está organizado em cinco seções a partir deste preâmbulo. A seguir, discutiremos algumas questões teórico-conceituais que norteiam nossa compreensão das relações entre linguagem e identidade. Para isso, propomos um olhar interdisciplinar em Linguística Aplicada (JESUS; LIMA, 2021; LIMA, 2017; LIMA; JESUS, 2021; MOITA LOPES, 2002, 2006, 2009; PENNYCOOK, 2006) em diálogo com estudos sobre questões étnico-raciais (ALMEIDA, 2020; CAVALLEIRO, 2001, 2012; PACHECO, 2011; SAMPAIO, 2020), Estudos Culturais (HALL, 2000, 2006; WOODWARD, 2000) e pesquisa narrativa (KITCHEN; PARKER; PUSHOR, 2011; WEBSTER; MERTOVA, 2007). Em seguida, apresentamos um breve perfil metodológico que se integra à análise de dados com foco na narrativa. Por fim, propomos algumas reflexões sobre o tema e a importância desses diálogos interdisciplinares para questões relativas à identidade e à linguagem.

3 Para fins de contextualização, vale ressaltar que o levantamento apresenta um perfil populacional da época composto de: 9,3% de pessoas pretas, 46,5% de pessoas pardas e 43,1% de pessoas brancas. Por questões de restrições estatísticas de amostra (representação), o levantamento não incluiu populações indígenas

LINGUAGEM, IDENTIDADE E NARRATIVA: QUESTÕES EM LINGUÍSTICA APLICADA

Fazer Linguística Aplicada (LA) na vida contemporânea significa olhar para a linguagem e seus fenômenos a partir das relações sociais em que ela se faz presente. E isso, por sua vez, implica em “novas formas de politizar a vida social para além das histórias que nos contaram sobre quem somos: uma indagação à qual a LA contemporânea precisa responder. Afinal, fazer pesquisa nesse campo pode ser uma forma de repensar a vida social” (MOITA LOPES, 2009, p. 22).

O cenário pós-moderno ou de modernidade tardia (HALL, 2006) ressignifica a vida social, a cultura e também o modo de fazer ciência, uma vez que este modo é atravessado pelos valores sociais de seu tempo e das pessoas que produzem (e utilizam) novos conhecimentos. Ainda que seja uma ciência relativamente jovem, originada no cenário entre o fim da segunda guerra mundial e o início da guerra fria, a Linguística Aplicada se vê diante da necessidade de atualizar e olhar criticamente (PENNYCOOK, 2006) para a forma como faz ciência. A este respeito, cabe a seguinte reflexão:

Tradicionalmente, o sujeito da LA tem sido *um ser sem gênero, raça e sexualidade*. Ou, no máximo, *tem sido construído com um gênero, raça e sexualidade fixos do qual não consegue escapar*; com a linguagem refletindo o que ele é, ao invés de ser compreendida como um lugar de construção da vida social e, portanto, dele mesmo (MOITA LOPES, 2009, p. 21, grifos nossos).

E para olhar para essa vida social, do ponto de vista qualitativo, uma das formas de estudo das subjetividades humanas advém dos estudos em Educação e das Ciências Humanas em geral, desdobrando-se contemporaneamente em campos da Linguística Aplicada com o nome de *pesquisa narrativa* (KITCHEN; PARKER; PUSHOR, 2011). Nessa perspectiva, todas as histórias importam e, ao invés da busca de uma verdade absoluta, o estudioso das histórias de vida busca compreender o sentido que essas vivências desempenham na consciência das pessoas e na maneira como esse sentido pode impactar o jeito como as pessoas vivem suas vidas. No entanto, dentre os vários eventos que se constituem em vivências, existem relatos

de momentos mais sensíveis, delicados e que ocupam um lugar mais específico nas memórias de uma pessoa. Este é o caso dos *eventos críticos*, definidos a seguir:

Um *evento crítico* como contado em uma história *revela uma mudança de compreensão da visão de mundo por parte do contador da história*. Um evento se torna crítico pois tem algumas das seguintes características. *Ele impactou o desempenho do contador de história em um papel profissional ou relacionado ao trabalho. Ele pode ter um componente traumático, atrair algum interesse excessivo pelo público ou pela mídia, ou introduzir risco sob a forma de exposição pessoal: doença, ação litigiosa ou outra consequência pessoal*” (WEBSTER; MERTOVA, 2007, p. 73-74, grifos nossos)⁴.

Segundo Moita Lopes (2002, p. 31), a linguagem se constitui a partir do discurso que é uma *construção social* e nessa perspectiva, o linguista aplicado se orienta por investigar o que as pessoas dizem (o seu discurso), buscando “analisar como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo por meio da linguagem e estão, desse modo, construindo a sua realidade social e a si mesmos”. Dessa forma, Moita Lopes (2002, p. 30) nos leva a entender que linguagem e identidade se relacionam pela construção de sentidos que acontecem na interação em que “as pessoas se tornam conscientes de quem são, construindo suas identidades sociais ao agir no mundo por intermédio da linguagem”. Esta visão nos leva a dialogar com os Estudos Culturais (BARKER, 2004; HALL, 2000, 2006; WOODWARD, 2000) e a contribuição deste campo para a questão da identidade.

O conceito de identidade, segundo Barker (2004, p. 93) diz respeito ao conjunto de “descrições culturais de pessoas com as quais nós nos identificamos emocionalmente e que dizem respeito à semelhança e à diferença, a pessoal e a social”⁵. Dessa forma, um possível consenso de pesquisadores dos Estudos Culturais (BARKER, 2004; HALL, 2000, 2006; WOODWARD, 2000) considera que “identidade é uma construção social porque os recursos discursivos que formam o material para a construção da identidade são de caráter cultural” (BARKER, 2004,

4 Nossa tradução para o original em inglês: “A critical event as told in a story reveals a change of understanding or worldview by the storyteller. An event becomes critical in that it has some of the following characteristics. It has impacted on the performance of the storyteller in a professional or work-related role. It may have a traumatic component, attract some excessive interest by the public or the media, or introduce risk in the form of personal exposure: illness, litigious action or other powerful personal consequence”.

5 Nossa tradução para o original em inglês: “cultural descriptions of persons with which we emotionally identify and which concern sameness and difference, the personal and the social”.

p. 93)⁶. No campo da Linguística Aplicada, os estudos de identidade se destacaram por considerarem que no processo de ensinar e aprender uma nova língua novas identidades podem se constituir a partir e por meio de novas palavras que possibilitam outras formas de construir aquilo que se sente e se vive, como visto, por exemplo, no trabalho de Norton (2013). Contemporaneamente, a agenda de pesquisas se viu diante de uma ampliação de ponto de vista, tanto dos sujeitos que usam a linguagem no dia a dia, como asseverado por Moita Lopes (2006, 2009), quanto pelo aumento das desigualdades da vida social. Esse cenário convoca perspectivas críticas (PENNYCOOK, 2006) que considerem as relações desiguais de poder da linguagem, os discursos que atacam, violentam e que tentam sustentar essas relações de desequilíbrio e hegemonia por mais tempo. Assim, estudos contemporâneos em Linguística Aplicada se voltam para a questão das identidades, raça e sexualidades (JESUS; LIMA, 2021; LIMA; JESUS, 2021; MOITA LOPES, 2002; NORTON, 2013; PENNYCOOK, 2006), uma vez que essas subjetividades atravessam processos já tradicionalmente estudados pela LA como ensinar e aprender línguas, por exemplo.

Estudar a construção das identidades requer um olhar atento para a maneira como as pessoas olham para si, olham para os outros e são olhadas pelos outros. Mas muito além desses olhares, as identidades precisam de formas compreensíveis de serem retratadas e representadas e, sobre isso, nota-se o papel fundamental das palavras, organizadas enquanto linguagem ou discurso (e suas intencionalidades). As palavras que usamos e que são direcionadas para nós podem desempenhar um papel importante na maneira como buscamos construir nossas identidades, ou seja, nas formas como nos identificamos emocionalmente (BARKER, 2004). Na próxima seção, apresentaremos o desenho metodológico que organizou o estudo e a geração de dados narrativos.

6 Nossa tradução para o original em inglês: “identity is a cultural construction because the discursive resources that form the material for identity formation are cultural in character”.

METODOLOGIA

Os dados aqui apresentados fazem parte de um estudo mais amplo sobre narrativas de experiência de mulheres negras universitárias do curso de Letras. O projeto buscou resgatar as histórias pessoais que culminam na identidade de ser uma mulher negra no contexto universitário contemporâneo, bem como as percepções de questões étnico-raciais diversas deste cenário (a formação profissional, a questão da representatividade, experiências de racismo e visões sobre ações afirmativas). Para este estudo, consideramos o recorte de uma das participantes, a jovem Angela. A participante recebe este pseudônimo⁷ em homenagem à escritora e ativista norte-americana Angela Davis.

Ao longo de duas entrevistas individuais, gravadas em áudio e vídeo, durante o primeiro semestre de 2021, Angela compartilhou conosco seus relatos pessoais, antes e durante a experiência universitária. As entrevistas aconteceram remotamente devido ao contexto pandêmico da COVID-19. Os pesquisadores elaboraram um roteiro de questões abertas organizadas por temas (lembranças de infância, experiências escolares, trajetória pela escolha do curso de Letras e chegada ao Ensino Superior) para mediar a conversa. No entanto, cada participante tinha liberdade para compartilhar as histórias como quisesse.

Seus relatos foram posteriormente transcritos e revisados para proteção de sua identidade. Dessa forma, nomes pessoais e de instituições foram alterados em respeito aos procedimentos éticos. A organização dos dados narrativos considerou a perspectiva de eventos críticos de Webster e Mertova (2007), definidos anteriormente. Assim, o texto transcrito teve inicialmente a demarcação de categorias narrativas como a *estrutura temporal* (para compreender relações entre momentos anteriores e atuais), o espaço que representa a ambientação dos relatos (e também contexto histórico mais amplo), os *sujeitos* que emergem nos relatos como personagens e os *eventos*, ou seja, os recortes de experiência que protagonizam o relato narrativo. A partir dessa organização inicial, os eventos críticos foram

7 Os procedimentos éticos incluem a apreciação do estudo pelo Comitê de Ética (CEP-UFOP) e aprovação (CAAE: 35860720.5.0000.5150 de 14 de janeiro de 2021). Ao assinarem os termos de consentimento livre e esclarecido, as participantes poderiam definir o pseudônimo a ser utilizado na pesquisa se quisessem, mas nenhuma delas indicou sugestões naquele momento. Portanto, essa escolha foi feita pelos pesquisadores.

mapeados e os excertos mais representativos foram selecionados para compor a análise considerando: a) trajetórias escolares e chegada ao ensino superior, b) vivências no curso de Letras e experiências de racismo e representatividade e c) expectativas da formação atual e da futura profissão. Por questões de escopo, este artigo considerará a primeira questão e as demais serão foco de outros trabalhos.

AS NARRATIVAS DE ANGELA: ANÁLISE DE DADOS

Aos vinte e dois anos de idade, Angela (sem acento, como na língua inglesa) atualmente está cursando o quinto período do curso de Letras Licenciatura em Língua Inglesa em uma universidade pública de Minas Gerais. Em nosso primeiro contato, ela compartilha algumas histórias pessoais anteriores. O relato se inicia com memórias de sua adoção quando ainda era bebê, por uma família de classe média. Até os 14 anos, a família que a adotou tinha boa condição financeira, o que lhe proporcionou oportunidades de acesso à educação e ao entretenimento cultural diverso. Os pais adotivos eram brancos, já tinham três filhos biológicos e ao adotarem mais cinco tornaram-se uma família de oito filhos.

Excerto 1

Eu fui criada por uma família branca, eu fui adotada quando eu tinha um ano e dez meses.... Eu fui adotada por uma família de classe média alta. Até os meus quatorze anos eles tinham uma condição financeira muito boa. Minha família toda é branca. Meus pais são brancos, minhas irmãs adotivas são brancas. Eles adotaram também mais quatro crianças além de mim, então ao todo éramos oito filhos. (...). Foi uma infância, assim, eu sofri muito racismo, tanto dentro da família, um racismo indireto, né?

Em uma grande família composta por dez pessoas, Angela descreve sua vivência nesse período de infância como *racismo indireto*, salientando a diferença étnico-racial de sua família como um dos fatores que a isolava neste tipo de experiência emocional, ou seja, de sentir-se diferente e de ser tratada de maneira diferente por alguns de seus familiares, desde as primeiras memórias de infância. Os exemplos que ela recorda se materializavam em discursos com estereótipos ofensivos, como é possível perceber no relato abaixo:

Excerto 2

É uma coisa que está muito enraizada dentro da sociedade mesmo, assim. Meu pai é bem roceiro, bem bruto, bem ignorante, nesse aspecto. Então ele sempre falava coisas assim, sobre nosso nariz, sobre a gente ter que trabalhar, ou já ter um pressuposto de que a gente é preguiçosa. Eu sempre fui taxada de preguiçosa... e por eu ser gorda também. Então é gorda, preguiçosa, encostada e tal... mas eu tive muito acesso, né? Eu frequentava lugares que pessoas negras geralmente não frequentam. Eu estudei em escola particular, eu fiz cursinho, eu fiz cursinho de inglês também... Então, eu tive muito acesso graças aos meus pais e ao dinheiro que eles investiam em mim na época.

Inicialmente, ela demonstra consciência de como discursos discriminatórios estão presentes na sociedade de maneira muito intensa, ou *enraizada*, de forma que até mesmo sua família não estaria distante dessa realidade. A figura do patriarca emerge no relato da jovem a partir do significado social da ignorância (em termos como *roceiro e bem bruto*) e a lembrança é que os termos usados por seu pai ressaltavam o fenótipo e personalidade de Angela. Desde o formato de seu nariz, de seu corpo, até mesmo o rótulo de preguiçosa. Todos esses predicados, em geral, se somam ao cenário conflituoso: ainda que ela se perceba incomodada com a forma com que um pai falava da própria filha, ela reconhece em seu discurso as oportunidades que teve com aquela criação.

Esse tom conflituoso perpassa a experiência de sua infância, com pessoas importantes que estão ao seu redor, que fazem parte de seu desenvolvimento como pessoa, mas que dizem coisas que impactam a imagem que ela está tentando construir de si desde aquele momento. Além dos valores como a importância do estudo, o investimento para acessar bens culturais, outros conhecimentos e diversas culturas, ao mesmo tempo também estavam presentes alguns discursos preconceituosos e racistas que inevitavelmente eram ditos e ofendiam a jovem. Em um olhar retrospectivo, ela descreve essa experiência como *racismo indireto*, ou seja, um racismo cordial velado por uma convivência cotidiana familiar ou disfarçado de discurso paterno em tom de repreensão e crítica. A estudante também percebe que este ocorrido a machucava profundamente, constituindo traços conflitantes de sua identidade como pessoa negra. Segundo Hall (2006, p. 13), “dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que

nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. O deslocamento da identidade de Angela acontece quando ela convive com sentimentos contraditórios sobre os pais que buscavam investir na sua educação, instruindo-a para que pudesse crescer intelectualmente, mas também proferiam as palavras que mais a machucavam. Estas duas ações opostas resultam em duas perspectivas distintas sobre a memória que construiu dos pais e este sentimento gera pelo menos dois traços: a gratidão pelo investimento no estudo e a dor perante ao racismo cordial dentro da própria casa.

Uma vivência em conflito como essa nos faz dialogar com Hall (2006) que, em uma perspectiva psicanalítica, diz ser na primeira infância que a formação do sujeito se constitui pela relação que tem com as pessoas ao seu redor, de forma inconsciente. Os pais são quem estão perto do sujeito na primeira infância, colaborando para que haja fantasias acerca da figura paterna e materna, devido ao fato de a criança ainda não ser um sujeito “inteiro”, por ainda estar formando o seu eu interior e sua imagem. A criança se baseia no reflexo no olhar do outro (HALL, 2006, p. 37) que, neste caso, seriam os olhos dos pais. Contudo, o sistema familiar de Angela é diferente, visto que ela era uma garota negra, adotada por pais brancos e as vivências raciais deles eram distintas. Assim, o reflexo que ela se baseava não correspondia com o reflexo com que o outro a enxergava. Desta forma, acontece o surgimento da identidade conflituosa a partir da diferença (cf. WOODWARD, 2000).

O fato do sentimento de dor causado pelas palavras do pai estarem presentes na narrativa mostra, mais uma vez, como o racismo está estruturado na sociedade brasileira e na vida cotidiana. Assim, vale lembrar que “o racismo é sempre estrutural (...) ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade (...) o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade.” (ALMEIDA, 2020, p. 15). Dito de outra forma, o racismo fornece sentido e lógica para que a desigualdade e a violência estejam presentes na sociedade moderna, até mesmo na história de uma criança em sua experiência familiar.

Além desses desafetos, ela comenta também sobre as oportunidades que teve ao fazer parte dessa família. Alguns dos acessos mencionados eram a oportunidade de fazer curso de idiomas, ter estudado o Ensino Fundamental todo em escola

particular e mais dois anos do Ensino Médio. Ela também teve a oportunidade de fazer cursinho pré-vestibular, financiado pela irmã mais velha. Contudo, este cenário que ela descreve como privilegiado sofreu mudanças. Aos 14 anos, a empresa dos pais faliu e a situação financeira mudou drasticamente, a ponto de Angela precisar trabalhar em lanchonetes e supermercados para conseguir se manter e não depender tanto da família que vivia em uma situação delicada financeiramente. A mudança foi tão grande que, no momento desta pesquisa, ela revelou que fazia parte do grupo socioeconômico contemplado por bolsas de permanência e moradia da faculdade que ela cursava, pois não tinha condições de se manter fora de sua cidade com a ajuda financeira dos pais, tendo em vista uma quebra na economia da família.

Ao ser questionada se em sua família questões raciais eram debatidas, Angela conta que este não era um assunto comum. As ofensas que ela relatou ouvir em casa eram muito veladas e se concretizavam em mais exemplos de estereótipos discriminatórios.

Excerto 3

Não [nunca houve assuntos relacionados a questões raciais dentro da minha família], e o racismo era como eu disse, era uma coisa enraizada, então ele era bem velado, né? Não era uma coisa tipo, 'ah você é preta', não tinha isso. Tipo assim, eu era feia, eu era preguiçosa, e hoje eu descobri que isso são estereótipos racistas, porque tipo assim, porque a pessoa é negra ela está dentro destes aspectos... [Mas] eu nunca tive esse tipo de assunto.

Neste excerto, ela detalha o que entende como racismo velado, ou seja, as ofensas eram suavizadas indiretamente e cordialmente, sem nunca se referir diretamente à cor de sua pele, mas atacavam a imagem que tinha de si, ao ser descrita como *feia e preguiçosa*. Neste cenário, em que ela percebe esses discursos que lhe ofendem, as pessoas não falavam abertamente sobre questões raciais. O impacto dessa vivência silenciosa de se perceber como pessoa negra, de construir uma identidade, ou seja, seu processo de identificação (HALL, 2006), se revela um pouco mais adiante em seu relato, quando ela deixa de falar da infância e narra momentos depois na fase da adolescência e chegada ao Ensino Superior (momento da crise financeira da família adotiva). Antes de conseguir entrar na universidade, Angela alisava o cabelo e sofreu muito para construir um entendimento do que define

como *empoderamento negro*. Ela tinha conhecimento do movimento feminista, por exemplo. Porém, conseguir se enxergar como uma pessoa importante e ter autoestima é algo que aconteceu apenas depois de entrar na universidade, como pode ser observado a seguir:

Excerto 4

Até antes de eu ir pra [universidade] eu alisava o cabelo, sabe? Então, eu só fui construir algo com o movimento de empoderamento negro depois. Feminismo eu já tinha acesso, mas empoderamento negro foi depois que eu entrei na [universidade]. Assim, em meados de 2018 eu já estava tipo assim, 'ah, vou fazer o bc⁸, real mesmo, vou assumir meu cabelo crespo, não vou alisar nunca mais', sabe? Tipo assim... Eu comecei a usar trança e a conversar com o pessoal do movimento negro. Embora eu ache que é um movimento assim, meio falho, para mim foi muito importante⁹.

Em 2018, ela nutria pensamentos para assumir seus cabelos naturais e nunca mais alisá-los, foi quando ela conheceu pessoas do movimento negro da cidade onde era sediada a universidade e assim começou o seu processo da tomada de consciência de outros traços de sua identidade negra, dando início aos cabelos trançados, deixando a química do alisamento de lado. Desde, aproximadamente, 2014, Angela se posiciona como uma pessoa negra. Esta posição veio do conhecimento que ela teve, em 2013, aos 15 anos, do movimento feminista, que embora não fosse voltado para o feminismo negro, em alguns momentos contemplava as questões étnico-raciais dentro das rodas de conversas que aconteciam. E, assim, ela começou a ponderar sobre a própria construção identitária.

Tal como dito por Hall (2006, p. 38), a identidade é algo

formado ao longo do tempo através de processos inconscientes, a consciência não pode ser entendida como algo que já está pré-estabelecido na consciência do sujeito desde seu nascimento. A identidade vai se formando ao longo do tempo, ela está sempre em processo, está sempre sendo formada.

Percebemos, então, no relato de Angela, que ela estava formando um novo traço de sua identidade, tendo orgulho de seus traços negros. Ela não começou a se

8 BC refere-se ao *big chop*, processo de corte da parte alisada dos cabelos, de forma que seu novo crescimento reflita sua forma natural, sem uso de produtos químicos. Traduzido como grande corte, mostra-se como uma, dentre outras alternativas, de transição capilar.

9 Durante o relato, a participante optou por não entrar em muitos detalhes sobre essas críticas que teria ao movimento, focando o relato em sua construção identitária.

enxergar como negra no processo de conviver com as pessoas do movimento negro, pois negra ela já se reconhecia, o traço identitário criado foi o de amor próprio, de orgulho e pertencimento por começar a entender quem era.

Excerto 5

Eu me identifico como negra mesmo... Eu lembro que minha mãe falava muito por mim, então ela sempre me colocava como parda. Mas, desde 2014 eu já me coloco como mulher negra. E foi um movimento que eu comecei dentro do movimento feminista branco, sabe? Por mais que seja um movimento feminista que hoje em dia não me contempla, na época foi muito importante me ver em outros locais.

Quando Angela tem contato com o feminismo, ela começa a entender o lugar que a mulher deve ocupar na sociedade. Contudo, o feminismo que ela tem contato naquele momento ainda não contemplava questões específicas de vivência das pessoas negras. A mulher negra, por exemplo, precisa também de independência, porém ela também luta contra outros estereótipos que impedem o exercício de sua cidadania individual. Dessa forma, “[p]artindo dos pressupostos feministas, viu-se necessidade de uma luta que abarcasse não somente a mulher como dona de si e de suas vontades, mas também, dona de sua etnia e cultura – o feminismo negro” (SILVA, 2021, p. 35). Sendo assim, mesmo Angela tendo consciência do feminismo, ela não se sentia pertencente totalmente. Contudo, na época, o movimento feminista ao qual ela teve contato a ajudou a se enxergar como mulher negra e a ver qual era seu lugar, devido aos debates raciais que ocasionalmente aconteciam ali dentro.

Enquanto dentro do complexo relacionamento com sua família o discurso discriminatório fosse velado, o racismo que ela sofria fora de casa não tinha nada de cordial ou velado, tendo em vista que, no mundo contemporâneo, esses desafios podem “ser encontrados no cotidiano escolar” (CAVALLEIRO, 2012). Por estudar em escolas particulares, onde a maioria dos alunos eram brancos, ela explica que sofreu bastante preconceito e discriminação direta em sua infância.

Excerto 6

Então [o racismo] era velado na família, mas não era velado em outros meios que eu frequentava. Por exemplo, na escola, o racismo era escancarado, assim, de já passarem a mão no meu cabelo e chamarem de Bombril, sabe? De umas coisas bem pesadas. Eu sofria muito, eu tinha problemas seríssimos de autoestima, do tipo

assim, que eu só andava com roupa cobrindo o corpo todo. Só andava de preto. Se o meu cabelo não estivesse com química, ele estava preso, bem preso, nem o rabo de cavalo eu deixava aparecendo, eu fazia coque... Eles falavam que eu era careca né, porque eu ficava com o cabelo bem preso em um coque pequenininho, porque meu cabelo tinha química e também ele era muito mal cuidado e na época não tinha tanto produto pra cabelo crespo. Ele ficava muito mirradinho, meu cabelo era muito mirrado. E aí era difícil, né?

Ela diz que na escola o racismo era *escancarado*, o cabelo, os traços, a cor e também os estereótipos eram constantemente objetos de insulto. A exclusão por parte dos demais colegas era igualmente uma prática constante dentro da escola. Toda esta situação resultou para Angela em um sério problema de autoestima. Passar por tudo aquilo não foi fácil e, por causa de alguns problemas que ela tinha com seus familiares, como relatado anteriormente, ela passava por tudo aquilo sozinha.

Excerto 7

Pela minha infância ter sido um pouco traumática, eu tive alguns problemas de relação familiar. Então, chegou um momento que eu não contava as coisas que aconteciam comigo, né?... Porque quando eu era criança, aconteceram outras coisas que eu tentei falar e eu não fui atendida, sabe? Assim... e em outras questões também, é o que eu falei, ah, que provavelmente a gente é mentiroso, e não sei o que e tal... É tipo assim, eles não acreditavam as vezes em coisas que eu falava que acontecia. E aí chegou em um ponto que eu não falava mais o que acontecia para minha mãe, sabe? Eu não contava... ‘Ah me bateram na escola’, eu simplesmente ficava triste na escola, ia para casa e vivia minha vida, sabe? Não falava com meus pais [sobre] isso. Eu fui contar essas coisas para minha mãe esse ano, e ela ficou: ‘Nossa! Como assim você nunca me contou nada disso?’. E eu falei: ‘Uai, eu vou contar para quê, sendo que vocês não faziam nada’. Sabe?

Conviver no ambiente escolar colabora para o desenvolvimento da criança, contudo, em uma sociedade que “predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá como base (...) estereótipos negativos sobre o negro” (CAVALLEIRO, 2012). Tanto na escola que Angela frequentava quanto em sua própria casa, estereótipos negativos sobre pessoas negras eram constantemente reproduzidos. Estes dois ambientes de socialização que a pequena Angela convivia, faziam com que ela criasse uma identidade inferior em relação aos demais à sua volta. Em relato, ela conta que tinha sérios problemas de autoestima e que só andava de preto. Este problema

de autoestima pode ser relacionado com a solidão que ela sentia, intensificada pelo desamparo de não poder compartilhar em casa o que vivia. Isso é ainda mais evidente no relato da surpresa da mãe que aparentemente na época não havia tomado conhecimento dessa violência sofrida pela filha no contexto escolar.

Algumas outras situações mencionadas por Angela também contribuíram para que sua autoestima fosse ainda mais fragilizada. Houve um episódio na vida da estudante em que ela repetiu de ano na escola e estava se sentindo muito triste. Além de um evento de violência verbal, ela traz ainda exemplos de violência física.

Excerto 8

Esse menino, quando eu tomei bomba, ele fez um corredorzinho e começou a gritar pra todo mundo que eu era a menina burra que tinha tomado bomba. Só que ele foi da minha turma, porque ele também tinha tomado bomba... E eu nunca zuei ele por isso, eu nunca tinha tratado ele mal por isso, eu nunca tinha nem comentado com ele sobre isso, sabe? Daí eu lembro que eu fiquei com muita vergonha, me senti muito humilhada, sabe? E naquela época, principalmente, em escola particular, é muito vergonhoso tomar bomba. É quase uma aberração você ser reprovado. Os professores te pesam, é bem... é bem triste assim, sabe?

[...]

Ele passou... e chutou meu pé (...) [depois] ele passou [e] deu uma bicuda no meu pé, aí quando ele estava saindo eu bicudei o pé dele. Eu retruquei. E quando eu retruquei, ele virou de uma vez e me deu um socão no peito. Eu lembro que eu fiquei o resto do dia sentindo dor, porque foi um baita de um soco."

Situações como essas relatadas por Angela deixam marcas profundas na formação de identidade de um indivíduo. E isto se agrava quando este indivíduo não tem nenhum amparo familiar. Portanto, é importante que os pais tenham consciência de seus papéis na vida de seus filhos e das vivências deles em outros contextos como a escola, especialmente quando existe algum tipo de violência envolvida. Ainda que o relato narrativo não demonstre uma relação direta dessa violência física com a questão racial, trata-se de mais um tipo de violência que afeta sua experiência jovem. A mudança de cenário ocorre apenas ao fim do Ensino Médio, quando a busca pelo Ensino Superior possibilitaria, além de novas oportunidades, o distanciamento do relacionamento conflituoso com a família e as lembranças afetivas ruins dos tempos escolares. Então, ao ser aprovada em uma universidade pública mineira para uma vaga do curso de Letras (Licenciatura em Língua Inglesa), muda-se da casa dos pais

para viver na cidade universitária, aproximadamente cem quilômetros de distância entre as duas cidades.

Desta forma, depois de viver períodos conturbados, Angela conta que o fato de ter se mudado de cidade para cursar Letras foi de grande importância para seu crescimento pessoal, uma vez que esta mudança proporcionou a ela sair de casa e conviver com outras pessoas.

Excerto 9

Depois de conhecer o movimento, de vir pra [universidade] ¹⁰eu acho que essa questão de mudar de [nome da cidade] foi muito essencial na minha vida, assim ... Não pela [universidade] mas pelas pessoas que eu conheci aqui, que já tinham essa consciência do movimento negro... Tinha um pessoal que estava no movimento que eram muito radicais ... de não querer se relacionar com pessoas brancas, nem como amizade, sabe? Elas eram bem radicais, eu achava radical... Mas ao mesmo tempo a estima que ela dava pra pessoa negra, foi uma coisa que me fez muito bem.

Depois que Angela conheceu outras pessoas na universidade que faziam parte do movimento negro, ela diz que recebeu muito conforto, pois as outras pessoas do movimento tinham consciência de raça e valorizavam a própria identidade. Ao mesmo tempo que havia um certo radicalismo, por parte de algumas pessoas com quem ela conviveu, este contato e acolhimento de alguma forma contribuiu muito para a autoestima de Angela, desde a chegada ao Ensino Superior. No próximo excerto, ela detalha esta questão:

Excerto 10

Foi uma coisa que me deu muito conforto, sabe? Eu senti, pela primeira vez, que eu estava sendo priorizada. Se antes na escola eu ficava na lista da mais feia da turma, outras pessoas me empurravam no corredor, ficavam fingindo que não estavam me vendo, enfim. Agora eu estou sendo priorizada. Se você é preta, você já é minha amiga, sabe? Você é preta, você já está comigo, você é preta você já vem aqui, nós vamos nos unir. Então, isso fez muita diferença para mim. Me deu orgulho, vontade de [dizer]: 'ah eu sou preta mesmo!', sabe?

Um novo traço de identidade começa a surgir: o empoderamento, o orgulho de ser negra, de estar em contato e conviver com mais pessoas negras no contexto

10 Informações entre colchetes são usadas para proteger identidades e nomes ligados aos relatos da participante como procedimento ético. Ao usar [universidade], por exemplo, estamos substituindo no trecho o nome da instituição onde Angela estuda.

universitário. A pequena Angela, que talvez nunca tivesse esperado por esse pertencimento, nunca tivesse tido um autocuidado, visto que se escondia em roupas pretas e coques no cabelo, hoje se enxerga a partir de sua identidade individual e em relação a um coletivo com quem se identifica. Quando criança, ela conta que não tinha muita expectativa no que queria seguir como profissão. Porém, ela se lembra de gostar muito de brincar de ser professora. Esta é a lembrança mais antiga que ela tem relacionada ao que gostaria de ser quando adulta. Porém, esta lembrança não vem como uma afirmação, mas sim como um interesse da infância. Antes disso, ela não se recorda de nenhuma outra atividade que gostasse. Mas tem a oportunidade, no Ensino Superior, de tornar-se alguém que constrói constantemente uma identidade profissional, ao passo que ressignifica sua identidade como mulher negra. Todas essas nuances e complexidades fazem parte dos fragmentos da identidade pós-moderna de Angela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS REFLEXÕES

Ao longo deste artigo, propomos a análise das narrativas de uma estudante universitária que resgata suas histórias de vida em torno de suas vivências pessoais e educacionais perpassadas por questões étnico-raciais e, mais especificamente, experiências de discriminação e racismo. Neste processo retrospectivo, seus relatos reconstituíram lembranças de experiências discriminatórias que se materializavam em palavras e expressões utilizadas por seus familiares. Sua identidade neste contexto foi se constituindo a partir da ideia de diferença (WOODWARD, 2000) e de oposição. Ao mesmo tempo de uma grande contradição complexa: a própria família que lhe deu oportunidades de estudo e crescimento pessoal também utilizava termos que a machucavam. Esta relação remete à ideia de um racismo cordial (PACHECO, 2011), pois, por mais que ele não tenha marcas de uma ofensa direta, revela significados que impactam a percepção que a jovem Angela vai construindo de si. Além disso, ela não recorda de ocasiões em que essas questões eram discutidas abertamente em sua família, especialmente por ser formada por relações étnico-raciais diversas.

No ambiente escolar, as experiências de discriminação se modificam de algo cordial para algo mais diretamente declarado, como nos relatos de discursos violentos sobre seu cabelo e também por eventos de violência física. O impacto dessas palavras na construção identitária da jovem se configura nas suas tentativas de se isolar e no impacto de sua autoestima. Esse cenário se complexifica pela sensação de desamparo, uma vez que evita compartilhar esses acontecimentos com sua família, pois, nessa relação complexa que tem com eles, sabe que, apesar de serem parte importante de sua vida, não encontra ali a abertura para falar sobre essas questões. Isso fica mais evidente do ponto de vista retrospectivo, quando Angela revela que, no momento presente, confrontou sua mãe sobre essas dificuldades e observou nela a surpresa e o aparente desconhecimento das discriminações sofridas por sua filha no ambiente escolar.

Grande parte desse processo de tomada de consciência possivelmente se relaciona ao processo de mudança de ares configurado da passagem do Ensino Médio (fim da educação escolar) para a chegada no Ensino Superior. A chegada ao curso de Letras (Licenciatura em Língua Inglesa) marca não apenas o primeiro momento de independência do vínculo familiar, mas a oportunidade de construir sua identidade de mulher negra em um espaço universitário que lhe possibilitou conviver com outras pessoas e, especialmente, com pessoas com quem passa a se identificar. Neste cenário, a narrativa adquire um novo tom, as experiências anteriores são refletidas mais conscientemente (e criticamente) de como é viver em uma sociedade que discrimina, mas que, no momento presente, encontra caminhos e espaços para construir pertencimento. Toda essa mudança pessoal vai se refletir na trajetória da estudante que almeja a formação profissional e vai vivenciar toda essa experiência ao longo do curso de Letras.

Do ponto de vista da questão identitária, este estudo resgata o papel do discurso como construção social (MOITA LOPES, 2002), pois reflete a interação das pessoas na vida social e a construção de sentidos sobre a realidade que se vive, sobre as outras pessoas e sobre nós mesmos. As identidades envolvem um processo de tomada de consciência de si, do outro e da realidade. E tudo isso acontece por meio da linguagem, evidenciada neste estudo pelo exercício de compartilhar histórias anteriores numa interação com o momento presente, em

que a pessoa aprende a olhar e interpretar o que viveu e tem vivido. A narrativa como o compartilhamento do evento crítico engloba uma mudança de compreensão (WEBSTER; MERTOVA, 2007) e um impacto na vida do sujeito e, neste caso, observamos as complexidades de elaborar sentidos de si numa construção identitária de uma estudante universitária, de uma mulher negra, que também foi uma criança que vivenciou experiências discriminatórias as quais carrega consigo até os dias atuais. Esses diálogos interdisciplinares entre questões étnico-raciais e identidades resgatam a premissa de fazer pesquisa em Linguística Aplicada como caminho de repensar a vida social (MOITA LOPES, 2009), questionando cenários onde pessoas não encontram espaços livres de construção de suas identidades, onde as diferenças não são compreendidas e, infelizmente, negligenciadas e até mesmo atacadas. Refletir sobre essas questões é um caminho para problematizar essas injustiças evidentes da vida cotidiana e a Linguística Aplicada fornece esse caminho por meio da linguagem que faz a mediação de todas essas relações humanas. Olhar para essas questões, evidenciando a sua problemática, pode ser mais um passo rumo a algum tipo de mudança de como nossas identidades se relacionam na vida contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2019.

CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. Editora Contexto, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2006, p.07-22.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, p.103-133, 2000.

JESUS, Cristina Aparecida de; LIMA, Fernando Silvério de. Narrativas sobre representatividade de uma estudante no curso de Letras e suas vivências étnico-raciais. *In: NASCIMENTO, Ana Lúcia Ribeiro do; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; AMARAL, Marco Antônio Franco do; VALLE, Paulo Roberto Dalla; SILVA, Rafael Soares. (Orgs.). Pesquisas Educacionais: contextos e perspectivas. Santo ngelo: Metrics, 2021, p.253-270.*

KITCHEN, Julian; PARKER, Darlene Ciuffetelli; PUSHOR, Debbie. *Narrative Inquiry into curriculum making and teacher education*. Bingley: Emerald Publishing Group, 2011. 297p.

LIMA, Fernando Silvério de; JESUS, Cristina Aparecida de. Eventos Críticos, Pesquisa Narrativa e Construção de Identidades: Vivências Metodológicas. *In: SCHÜTZ, Jenerton Arlan; AMARAL, Marco Antônio Franco do; MARIANO, Sangelita Miranda Franco (Orgs.). Educação, Cultura e Cidadania: Transformações e Contextos. Santo ngelo: Editora Metrics, 2021, p.87-99.*

LIMA, Fernando Silvério de. *Trajetórias em espiral: a formação histórico-cultural de professores de Inglês*. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. 2017. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2017.

MENDONÇA, Heloísa. *Mulheres negras recebem menos da metade do salário dos homens brancos no Brasil*. *Jornal El País Brasil*, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/12/politica/1573581512_623918.html>. Acesso em: 10/08/2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar. *In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. (Orgs.) Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.*

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica interrogando o campo como linguista Aplicado. Em: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp.13 - 44.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da.. *Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

NORTON, Bonny. *Identity and Language Learning: Extending the Conversation*. 2nd ed. Bristol: Multilingual Matters, 2013.

PACHECO, Lwdmila Constant. Racismo Cordial: Manifestação da Discriminação Racial à Brasileira – o domínio público e o privado. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 2 - n. 1, p. 137-144, 2011.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. Tradução de Luiz Paulo da Moita Lopes. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67 - 84.

SAMPAIO, Livia Cassemiro. *Mulheres negras e o cabelo: Racismo, sexismo e resistência*. ISCTE, Lisboa. Novembro, 2020.

SILVA, Clarice de Freitas. Feminismo Negro: Uma perspectiva do discurso ideológico na desigualdade histórica da mulher negra. *Porto das Letras*, v.07, n. 01. 2021, p.34-49.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, p.7-72, 2000.

WEBSTER, Leonard; MERTOVA, Patricie. *Using Narrative Inquiry as Research Method*. London: Routledge, 2007.

Submissão: 15 de agosto de 2022

Accite: 07 de novembro de 2022